



PORTO dos

CAVALHEIROS

BREVES

OS MOINHOS

sb aiseupn eb aitul A
irpib amu aism uogerno
asus ead oinemsopiehad

N.º 4 • MARÇO 2003

Jornal de Lamas de Mouro • Director: José Domingues • E-mail: portocavaleiros@hotmail.com • Preço: 0,50 €

Castro Laboreiro enlutado com a morte do P.º Aníbal Rodrigues

Mais uma figura egrégia “crasteja” e mel-gacense que, no passado dia 10 de Março, partiu definitivamente ao encontro da Verdade – o P.º Aníbal Rodrigues. Acostumado, desde a infância, a identificá-lo com o pároco de Lamas de Mouro – praticamente não me recordo de outro anterior – só nos últimos anos, o interesse pelas antigualhas da terra estreitaram o nosso relacionamento e aprendi a conhecer melhor a sua individualidade. Não serei, por isso e pela exiguidade de méritos, a pessoa indicada para escrever sobre (como ouvi da boca de um seu conterrâneo que bem o compreendia e muito estimava) “a **figura marcante do século XX de Castro Laboreiro**”.

De qualquer forma, porque é propósito deste desprezioso periódico local o registo dos principais acontecimentos desta terra, não posso deixar de dirigir umas breves palavras ao seu pároco de longos anos, ligado a esta freguesia, ironia do destino, desde o seu baptizado. Nunca se cansava de contar que tinha sido baptizado em Lamas de Mouro, por a igreja de Castro Laboreiro estar interdita, e que na véspera do seu baptizado tinha pernoitado numa família amiga em Lamas de Mouro. Parece que nessa noite uma das filhas do casal de Lamas sugeriu que trocassem a

sua irmã mais pequenina pelo menino, já que desejava um irmão.

Mas as suas mais arraigadas raízes começam, na tarde do dia 29 de Janeiro de 1919, na terra onde agora repousa, Castro Laboreiro, mais especificamente na inverneira de Mareco. E, como é óbvio para quem acima de tudo venera a sua terra natal, a ela são inerentes as suas distintas obras. Desde o primeiro ano da sua ordenação, 1945, que foi destacado para Castro Laboreiro e aí exerceu o sacerdócio até ao final da sua vida, com o apogeu das suas bodas de ouro, comemoradas em 1995, assinalado pelo busto colocado em frente da residência paroquial – nesta data comemorativa também Lamas de Mouro se associou aos vizinhos de Castro Laboreiro e foi levantado o cruzeiro que está na entrada da freguesia, à face da estrada nacional. Abstenho-me de aqui referir, por testemunho

(Cont. Pag. 3)

Sumário

Castro Laboreiro enlutado com a morte do P.e Aníbal Rodrigues	Pág. 1
Breves	Pág. 2
Os Moinhos de Água de Montanha em Lamas de Mouro	Pág. 4
Efeméride	Pág. 7
Etnografia e Focllore	Pág. 8

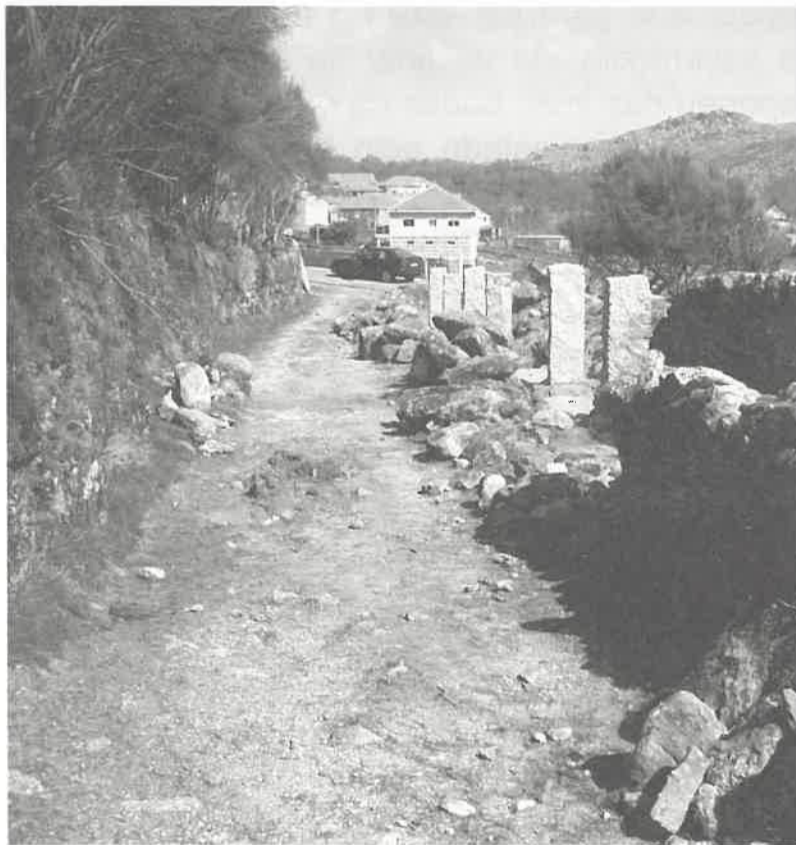
BREVES • BREVES • BREVES

CAMINHO DO CANCELO:

A Junta de Freguesia de Lamas de Mouro começou mais uma significativa obra de aperfeiçoamento das suas vias de acesso, desta vez será o caminho do Cancelo que será alargado e melhorado.



(Caminho do Cancelo)



AS OBRAS DO DR. AUGUSTO CÉSAR ESTEVES:

A revista de projecção nacional, *Scientia Iuridica*, revista bimestral portuguesa e brasileira – de Janeiro-Fevereiro, 1957, Braga, tomo VI, n.º 27, pág. 112 – na parte final sobre BIBLIOGRAFIA publicada, dedica uma breve referência à **Organização Judicial de Melgaço** do Dr. Augusto César Esteves, pena é que o apelido tenha sido adulterado.

História

AUGUSTO CÉSAR DE FREITAS. *Organização Judicial de Melgaço*, Tipografia Melgacense, Melgaço, 1955, 297 págs.

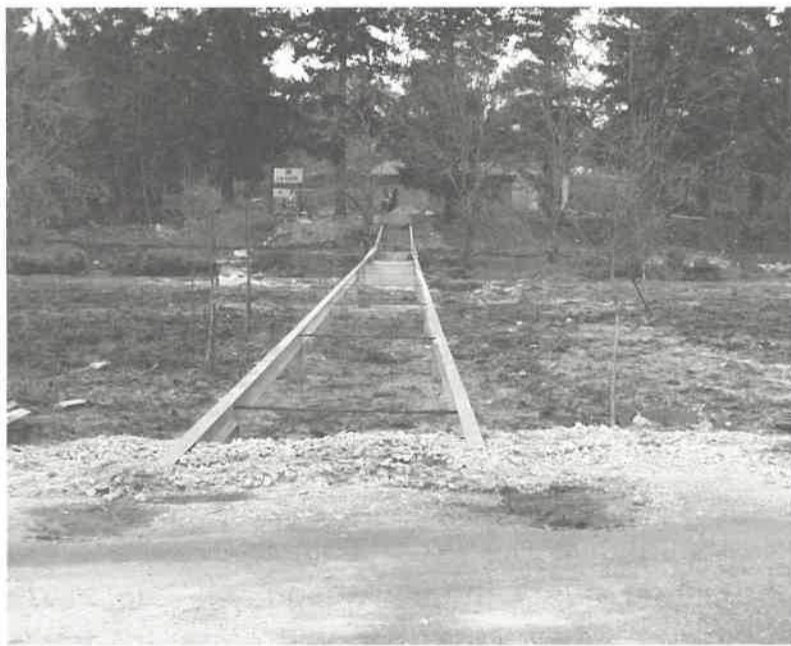
O Dr. Augusto César de Freitas, funcionário judicial distinto e também historiador, é das pessoas que sabem encontrar na profissão que desempenham a beleza da sua missão tradicional. Esta visão, essencialmente histórica, tem o interesse prático de fornecer ao legislador e ao jurista o ensinamento da experiência.

Com paciência beneditina, O A. reuniu todos os elementos que pôde obter, relativos à história das justiças de Melgaço, dando-nos um quadro elucidativo e interessante da vida judiciária local até aos nossos dias.

Bem haja o ilustre A. pela oferta desta obra. — V.

PORTO DOS CAVALEIROS:

Com este n.º4 completa-se um ano de existência deste singelo periódico local. Apesar de todas as dificuldades, nomeadamente a avareza de tempo disponível e a exiguidade de colaboradores, enquanto nos for possível e pudermos contar com o amparo dos que nos tem apoiado e tivermos a aceitação do leitor, continuaremos a estampar os acontecimentos marcantes, tanto presentes como passados, da nossa Terra Natal.



(Portas de Lamas de Mouro)

Castro Laboreiro enlutado com a morte do P.^e Aníbal Rodrigues

(Cont. Pag. 3)

de ouvir dizer, as imensas ajudas para tratar da reforma, para conseguir um melhor posto de trabalho, para emigrar ou, sobretudo, para libertar algum preso da ditadura militar do Estado Novo ... num momento de maior aflição restava sempre o recurso ao P.^e Aníbal, com a certeza de que, nem ao seu maior inimigo, diria "não".

Por isso, e porque não se diz mal de alguém que já morreu, para manter a imparcialidade que me norteia, limitar-me-ei aos fragmentos biográficos objectivos conhecidos, que são os que perduram e verdadeiramente interessam. Desde os restauros da igreja matriz, o rompimento da estrada nacional n.º202 até Castro Laboreiro, a rede telefónica, os transportes públicos, uma estação de C.T.T., a electrificação da freguesia, são infra-estruturas essenciais que contaram com a colaboração imprescindível do P.^e Aníbal Rodrigues.

A sua actividade foi determinante na promoção e publicitação da raça do cão de Castro Laboreiro, começando pelo reacender do concurso da raça, em 1954.

Mas a sua actuação distingue-se também ao nível da recuperação do património histórico: desde as obras de restauro do castelo, levadas a cabo pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a recuperação do pelourinho quinhentista e a chamada de atenção para o copioso património de Castro Laboreiro, sobretudo o conjunto megalítico do planalto.

Dando seguimento a este interesse pelo património e pela cultura local publicou vários artigos em revistas e periódicos locais, nomeadamente, um estudo sobre as pontes medievais de Castro Laboreiro, outro dedicado ao pelourinho de 1560, outro sobre o Castelo de Castro Laboreiro, editado em 1996 pelos Estudos Regionais, n.º17.

Para o final deixamos, propositadamente, a fundação do museu de Castro Laboreiro, que se arrastou durante décadas a fio e, por escassos dias, não pode ser vista a concretização definitiva pelo seu principal promotor,



que gastou as avaras horas do seu ócio a coleccionar utensílios esgotados para o seu espólio. A última estima que o seu povo lhe pode prestar é sem dúvida a de apadrinhar esta obra póstuma com o seu nome. Com a certeza de que o P.^e Aníbal, onde quer que esteja, sentir-se-á agrado e descansará em paz porque, finalmente, se concretizou o sonho e cessou a dificuldade que o apoquentou durante anos a fio, mas, sobretudo, porque os seus conterrâneos ou paroquianos (como ele tanto gostava de dizer) lhe reconhecem o condigno mérito.

Termino com uma quadra, por ele dedicada à sua terra natal, que parece querer anunciar uma última vontade:

Quero adormecer no berço
Onde sorri em criança.
Só então terei sossego
Como na distante infância!

José Domingues

Os Moinhos de Água de

Em Lamas de Mouro (tal como na maioria das freguesias circunvizinhas) as condições topo-hidrográficas bastante favoráveis aliadas a uma economia rudimentar assente, sobretudo, no cultivo do centeio e as constantes asperezas da serra, desde tempos antigos que ditaram o levantamento, nas margens do rio Mouro, de vários exemplares de moinhos movidos a água, chamados moinhos de rodízio ou de roda horizontal, em oposição aos de roda vertical ou azenhas, que pelo seu valor artístico, histórico e arqueológico constituem um valor cultural a salvaguardar.



(Moinho Porto Ribeiro)

A primeira referência conhecida a moinhos movidos a água é atribuída ao poema de Antipater de Salónica, no ano de 85 a. C., que os aponta como uma novidade da época, mas o certo é que na vigência do Império Romano eram já vulgares os moinhos de água com uma mecânica muito semelhante à dos nossos actuais moinhos de rodízio, embora o seu maior desenvolvimento seja posterior, devido à escassez de mão de obra.

Em Portugal, desde a fundação da nacionalidade que foram considerados um importante polo para a economia regional, por isso não lhe faltam referências documentais e legislação própria e constituem matéria largamente vertida nos forais. A propósito destes, embora nessa época Lamas de Mouro ainda não fizesse parte do concelho de Melgaço, no foral de 1183 outorgado a Melgaço, D. Afonso Henriques concedeu isenção fiscal aos fornos e moinhos da região, como nele se pode ler:

“das vossas moagens e fornadas, e dos vossos mantimentos a ninguém deis conta senão a Deus”

Ainda vivem muitos dos que comeram o pão farinado pelas suas mós e, pelo caminho áspero, carregaram às costas os *foles*^[1] de grão e farinha, para contarem as histórias que as mós, à muito silenciadas, teimam em guardar em sigilo: as vigias nocturnas contra a rapinagem, os frequentes incêndios do colmo, os namoricos etc.

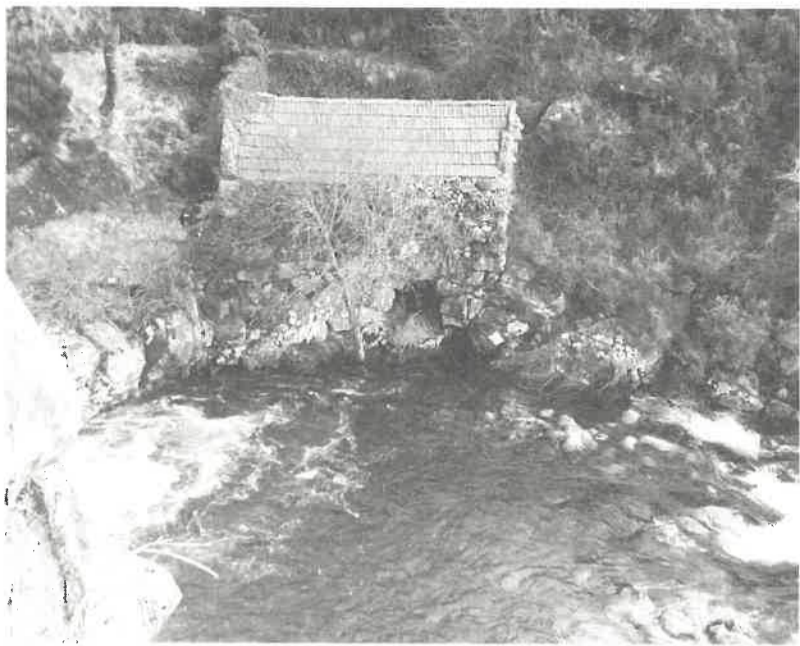
Nos limites territoriais desta freguesia, há cerca de três décadas atrás, oito casais de mós, a *cotio*, trituravam o grão que os seus *herdeiros* ou consortes tiravam ao suor do *logon*^[2], nos *barbeitos* e *labores*^[3] espalhados pelas faldas dos montes – um olhar longínquo por estes montes, ainda hoje, pode constatar os restos de paredes que outrora serviram para proteger essas culturas dos animais. Desses oito, quatro são de recente construção, já no curso do século XX, como se pode constatar pelo tipo de material utilizado na sua construção. Destes últimos coligimos algumas informações entre as pessoas de mais idade, mas dos outros são muito escassas as referências documentais que se podem aduzir, já que nestas imediações, durante muito tempo, a escrita era apanágio do clero letrado e não fazia parte do quotidiano que paulatinamente se desenvolvia entre os rigores do Inverno, a *vezeira* e o amanho dos campos.

Começando pelos mais antigos, ao certo apenas conseguimos apurar que quando o abade, Constantino Dias, elaborou a memória



(Moinho Porto Ribeiro)

Montanha em Lamas de Mouro



(Moinho do "Rocha")

paroquial desta freguesia de S. João de Lamas de Mouro, a 22 de Maio de 1758, existiam, pelo menos, três moinhos no activo, que, apesar do documento não dizer o seu nome, só poderiam ser o moinho do Porto Ribeiro, o moinho de *Riba* e o moinho do Meio^[4]. O moinho do Porto Camba deve ter sido erigido por volta do ano de 1864, conforme epígrafe comprobatória lavrada na padieira da sua porta de entrada. Testemunhos locais referem ter sido construído, muito depois dos acima referidos, por um abastado brasileiro da família "Fornalhas".

Os outros quatro, que são os que se encontram mais a jusante, são bastante mais recentes. O moinho do Rocha – actual propriedade do Anselmo de Cubalhão – foi construído no ano de 1941, por um natural de Parada do Monte, Francisco Rocha, que trabalhou no rompimento da actual estrada nacional nº202, que liga Melgaço a Castro Laboreiro, e aqui se estabeleceu; vindo posteriormente a ingressar para os Serviços Florestais, nas horas vagas, em redor do moinho, que lhe servia de casa de morada, levantou muros e nivelou terrenos e assim nasceu a *coutada do Rocha*, no monte da Carvoeira.

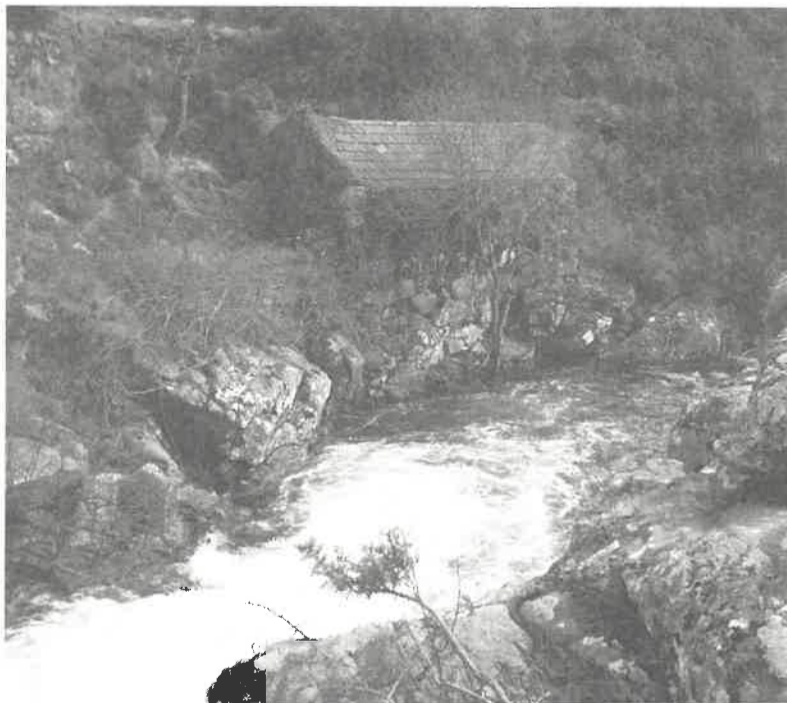
A seguir, no ano de 1956/57, José Domingues, o *Soqueiro*, construiu, num sítio íngreme de muito difícil acesso, o moinho mais distante deste *eido*, o moinho do Soqueiro. No ano de 1959/60, António Bernardo construiu o moinho dos da tia Diolinda e no

ano de 1963, conforme se pode ler num penedo por onde passa a água da presa, Manuel José Pereira construiu o último moinho dentro dos limites de Lamas de Mouro, o moinho do tio Manuel – actual propriedade do Prof. Luís do Vale.

A tipologia é sempre a mesma, começa por se ver uma construção pequena em granito tosco, na margem de um ribeiro onde as águas ainda são límpidas e despoluídas, com cobertura a duas águas, primeiro em colmo ou lages e depois em telha mourisca, que acabou por ser substituída pela telha francesa, com um óculo de dimensões reduzidas para deixar passar a luz para o interior e uma porta baixa e estreita.

Uns metros acima, grandes pedras colocadas na corrente empoçam a água que é conduzida pela presa até chegar à entrada do cubo, onde a folhagem e gravetos são crivados por uma armação de varinhas paralelas, a descida pelo cubo vai estreitando até terminar numa peça de madeira com um pequeno orifício, a seteira, o que faz com que saia apenas um forte jacto de água.

A água bate nas penas que se juntam num eixo vertical (péla) fazendo girar o rodízio sobre a agulha ou espigão e a rela, ambos de seixo. A rela está embutida num barrote horizontal (urreiro), do qual uma ponta está bem firmada entre pedras, enquanto que a outra é suspensa de cima pelo aliviadouro, que



(Moinho do "Rocha")

Os Moinhos de Água de Montanha em Lamas de Mouro

permite pequenos deslocamentos verticais. São estes pequenos deslocamentos que variam o afastamento entre as mós, e consequente grossura da farinha.

Se entrarmos na cavidade soturna onde se desenrola todo este processo, chamada inferno ou cabouco, e olhar-mos para cima vemos que a péla do rodízio se encaixa noutra chamada lobete, onde, por sua vez, entra o veio de ferro que atravessa a buxa de madeira, apertada no olho da mó fixa, e acaba nas cruzetas de ferro, onde pousam os cavados da face inferior da mó andadeira, feitos a pico para cada lado do olho, sustentando-a.

Visitemos agora o interior ou sobrado do moinho, o compartimento é acanhado, e um tanto chegado à parede do fundo está o casal das mós, a fixa e a andadeira, rodeadas por uma armação de tábuas (cambeiros), que faz com que a farinha caia no tremonhado e evita que seja levantada pelas correntes de ar. Ao lado do tremonhado estão as cruces do moinho ou cabeça do aliviadouro, com as cunhas que a erguem ou baixam, com a ajuda de uma alavanca, delas dependendo toda a afinação do moinho como já se disse e servindo também para o parar, pois aqui não é costume o uso do vulgar pejadouro.

O grão é despejado numa caixa de madeira em forma de pirâmide invertida, suspensa sobre as mós – a moenga ou adalha. O vértice é aberto e o grão vai passando para a quelha – o adelhão –, que com maior ou menor inclinação regula a queda do grão, que a trepidação do tanganho, também conhecido por chamadouro ou cadelo, mantém constante e certa.

Estes moinhos não tem propriamente um moleiro, são propriedade de vários consortes, os *herdeiros*, que repartem entre si o tempo de usufruição, ficando a cargo de cada um as tarefas de levar o grão, deitá-lo na adalha, varrer o tremonhado e soltar a água para o rodízio. Como não havia ninguém que aqui exclusivamente se dedicasse à moagem é pouco extensivo o trocadilho do moleiro que

diz «se tenho água bebo vinho se não tenho água bebo água».

Se hoje o moinho deixou de ter a sua utilidade inicial e pertence a uma época passada, não devemos olhar o seu desaparecimento com melancolia, pois ainda constitui um polo de atracção turística e um valor patrimonial a preservar, não apenas por uma razão de estética e beleza natural, mas, sobretudo, porque desde tempos remotos, e até há bem poucos anos, era um advento indispensável à subsistência dos antepassados que por esta terra claudicaram. Para além da laudável iniciativa da Junta de Freguesia de Lamas de Mouro que em Setembro de 1998 promoveu a integral recuperação do arruinado moinho do Porto Ribeiro, muito pouco ou mesmo nada se tem feito para salvar os restos das paredes que, pouco a pouco, as cheias do Inverno vão desmoronando.

PROVÉRBIOS POPULARES:

“se tenho água bebo vinho se não tenho água bebo água.

Moinho quieto não ganha maquia.

Com quem tiver moinho a nadar não te ponhas a soalhar.

Quem ao moinho vai enfarinhado sai.

Duas pedras ásperas não fazem farinha.

Nem moinho por contínuo nem porco por vizinho.

Quem tem ovelha, abelha e moinho, entra com el-rei em desafio.

Águas passadas não movem moinhos.”

Catarina A. Domingues

José Domingues.

¹ Espécie de saco feito a partir da pele dos caprinos, muito utilizado para transportar a farinha do moinho.

² Espécie de enxada, muito pesado e utilizado para cavar o labor.

³ O labor era um processo de cultivo muito utilizado nestas zonas de montanha e que consistia em cavar a terra em grandes torrões que, depois de secos, eram queimados, para a seguir se semear o centeio.

⁴ IAN/TT - Dicionário Geográfico do Reino de Portugal, Vol. 19, Memória N.º38, fl. 193-196.

EFEMÉRIDES – 2

[Século XII]

No n.º anterior não tínhamos espaço para estas efemérides, ainda do século XII, que passamos a averbar:

1141, Abril, 16 – Carta de couto outorgada por D. Afonso Henriques ao mosteiro de Paderne em recompensa do auxílio prestado pela abadessa D^a Elvira Sarrazeni, quando este monarca tomou o Castelo de Castro Laboreiro.

“per terminos istos, habeat itaque terminum per Montezello deinde ad portum de Carvalho deinde sub outeiro de Cabronis deinde vadit ad Petra Aguta subtus varzena de Sancto Thome inde vadit ad riuvalo de Molinus et intrat in Mouro deinde vadit sursum per ipsum fluvium de Mouro deinde vadit sursum per **Rialem de Fontano Cobo** deinde quomodo dividitur per **Costa Mala** deinde ad **fontem de Seixo** et descendit ad fontem de Pezos deinde descendit ad cabeça de fonte de Cobello et descendit per ipsum rivulum de Cobello et inde ascendit ad ipsum outeiro de Sante et venit ad Cepeda deinde quomodo vadit pera aperta inter Sanctum Pelagium et monasterium, inde per illam defessam usque ad pontem de Cotos et descendit per ipsum rivulum inde civitatem inde cautum de Maceira deinde quomodo vadit per illum agrum de Fontania deinde ad Montezello et versum unde prius inchoavimus.”

A corga de **Fontão Covo**, **Costa Má** e os **cotos do Seixo** continuam a ser pontos de referência da linha limítrofe que separa a freguesia de Cubalhão da de Lamas de Mouro. Na época recuada do documento ainda não existia a freguesia de Cubalhão, que, só no século XVI, se desmembrou do dito couto de Paderne por complacência do arcebispo de Braga, Frei Bartolomeu dos Mártires.

[Publ. => HERCULANO, Alexandre – Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines, Lisboa, 1856, Doc. n.º186, pp. 229-230.]

1183, Setembro – Doação da freguesia de Parada do Monte ao mosteiro de Fiães feita por Afonso Pais, com outros consortes, que estabelece os limites desta freguesia pelo **rio Medoira**, fronteira natural entre esta e a freguesia de Lamas de Mouro, referindo também o **rio Mouro** e o topónimo de **Parte-Águas**.

[Braga, AD – Cartulário do Mosteiro de Fiães, fl. 15v] [Publ. PINTOR, Manuel A. Bernardo – na “A Voz de Melgaço” de 01/11/1947]

1194 – Em outro documento, pelo qual Gomes Nunes e seus filhos doam ao Mosteiro de Fiães um casal em Parada do Monte, referem-se novamente o rio Medoira, o Mouro e Parte-Águas.

Este documento possui a importância adicional de ser o primeiro a referir o mosteiro de Fiães na Ordem de Cister, conforme já notaram o P.^o Bernardo Pintor e o Doutor José Marques em trabalhos monográficos antecedentes.

Ambos os documentos estabelecem os limites de Parada do Monte “pelo Mourilhão e daí ao Curro de Abril, à Fervença e daí a **Parte-Águas**, descendo pelo **rio Medoira** a fechar no **Mouro**”

[Braga, AD – Cartulário do Mosteiro de Fiães, fl. 16]

Na eventualidade de nos querer contactar sobre este ou outro assunto:

Jornal Porto dos Cavaleiros
Sede da Junta de Freguesia de Lamas de Mouro
Lamas de Mouro
4960 – Melgaço.

ou mande-nos um correio electrónico para:

pequenoinfante@hotmail.com.

[Pequeno Infante]

Cantiga Popular de castro Laboreiro – 1882.

Resolvemos aqui reeditar uma canção popular recolhida em castro Laboreiro por José Leite de Vasconcelos e editada, pela primeira vez, no longínquo ano de 1882. Agradecemos à Ludoviva, da Casa da Cultura de Melgaço, que nos chamou a atenção para a sua publicação no Romanceiro Português de Tradição Oral e Moderna.

Oléiendinha tem desejos de ir à casa de seu pai.

– *Se não tens outros desejos, toma o caminho e vai.*

*Teu marido foi à caça, três dias há-de tardar,
e da caça que ele trouxe eu algo te hei-de guardar.*

– *P'ra onde foi Oléiendinha que me não fê'lo jantar?*

*Olindinha, ó meu filho, teremos de a matar,
porque a mim chamou-me p... e a ti filho de meu pai.*

*Oléiendinha não se mata, castigo se l'há-de dar,
e apronte-me esse cavalo que a quero ir buscar.*

Eram três horas batidas, estava lá a chegar.

– *Paridinha de três dias, p'ra onde a queres levar?*

– *Ou parida ou por parir a cavalo a vou botar.*

*Anda mais, ó Olindinha, anda mais àquele lugar,
ali não faltam galinhas nem capões p'ra t'eu matar.*

– *Não preciso das tuas galinhas nem também dos teus capões,*

Manda-me chamar o padre, que me quero confessar.

– *Ó menino de três dias, se me puderas falar...*

se me puderas dizer onde tua mãe foi parar!

– *Minha mãe, não tenha pena, que p'rò céu vai caminhando,*

E a perra da minha avó p'rò Inferno vai chorando.

INFORMAÇÕES ÚTEIS:

Sede da Junta de Freguesia Lamas de Mouro
Tel. 251 465 616

Parque de Campismo Lamas de Mouro
Tel. 251 465 129

Câmara Municipal de Melgaço
Largo Hermenegildo Solheiro
4960-551 – Melgaço
Tel. 251 410 100
Fax. – 251 402 429

Bombeiros Voluntários
Largo Hermenegildo Solheiro
Tel. 251 402 599

G. N. R.
Bairro Senhora da Graça
Roussas
Tel. 251 402 346

Centro de Saúde
Av. Fonte da Vila
Tel. 251 402 337

Farmácias
Durães
Praça da República
Tel. 251 402 249
Dias Ferreira
Rua Rio do Porto
Tel. 251 403 312

Táxis
Praça Amadeu Abílio Lopes
Tel. 251 404 027
Praça da República
Tel. 251 404 004